

Telejornalismo investigativo: O que acontece nas emissoras capixabas?¹

Investigative television journalism: What happens in capixaba's stations?

Siumara de Freitas Gonçalves²
José Carlos Correa³

Resumo: O artigo discute as práticas do jornalismo investigativo no Espírito Santo, tendo como objeto de estudo as redações das emissoras de televisão, traçando um panorama deste segmento no atual cenário capixaba. O ponto de partida é a premissa de que o jornalismo investigativo cumpre papel essencial junto à população, auxiliando na descoberta e compreensão dos fatos sociais. O artigo apresenta entrevistas com jornalistas de três emissoras e de áreas distintas sobre a prática investigativa e a sua importância. O trabalho também busca responder se o jornalismo investigativo capixaba está em crise. O referencial teórico está fundamentado em autores como Alice Dutra Balbé, Hugo de Burgh, Mark Lee Hunter e Nils Hanson, que discutem a importância do jornalismo investigativo, práticas, processos, conceitos e teorias, além de José Antônio Martinuzzo, que aborda a comunicação capixaba.

Palavras-Chave: Práticas do jornalismo investigativo. Emissoras de televisão. Jornalismo capixaba. Crise.

Abstract: The article discuss the practice of investigative journalism in the Espírito Santo, Brasil, with the object of study newsrooms of TV stations, drawing a picture of this segment in the current local scenario. The starting point is the assumption that investigative journalism meets essential role among the people, assisting in the discovery and understanding of social facts. The article features interviews with journalists from three stations and different areas on the research practice and its importance. The work also seeks to answer the Capixaba investigative journalism is in crisis. The theoretical framework is based on authors such as Alice Dutra Balbé, Hugo de Burgh, Mark Lee Hunter and Nils Hanson, discussing the importance of investigative journalism, practices, processes, concepts and theories, as well as José Antônio Martinuzzo, which addresses the Capixaba communication.

Keywords: Practices of investigative journalism. Television stations. Capixaba journalism. Crisis.

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 23 e 25 de junho de 2016.

² Graduanda em Jornalismo, na Faculdade Estácio de Sá, Vitória/ES. E-mail: siumara_fg@hotmail.com.

³ Professor da Faculdade Estácio de Sá de Vitória, jornalista, engenheiro civil, graduado em Engenharia Civil (UFES – 1971), pós graduado em Estudos Avançados de Comunicação (Faculdade Cândido Mendes – 2004), Mestre em Ciências Contábeis/Linha de Pesquisa: Administração Estratégica (FUCAPE – 2007). E-mail: jccorreavix@gmail.br.

1 Introdução

O jornalismo investigativo se tornou “a menina dos olhos” das emissoras de televisão. Decorre daí o desafio de abordar esse assunto e contextualizá-lo no Estado do Espírito Santo. Este artigo busca discutir as práticas do telejornalismo investigativo tendo como objeto de estudo as emissoras no Estado do Espírito Santo.

Em mais de 200 anos de imprensa no Brasil o jornalismo investigativo nunca foi tão necessário. Em nível nacional, a prática tem grande expressão. Porém, no Espírito Santo, ele aparece de forma tímida dando razão à premissa deste trabalho: o fato de o jornalismo investigativo ser pouco explorado em terras capixabas.

Este artigo trabalha também com a hipótese de que, além da crise econômica que leva as empresas de comunicação a diminuir os investimentos em suas equipes de jornalismo investigativo, podem existir outros fatores que contribuem para que elas tomem esta decisão.

Neste estudo são analisadas as seis emissoras locais de TV aberta, não ligadas ao Governo, afiliadas às redes nacionais Band, Globo, Rede TV, Record, Record News e SBT. A coleta de dados se fez por meio de entrevistas com os profissionais de três dessas emissoras para averiguar a prática do jornalismo investigativo no Espírito Santo.

O referencial teórico está fundamentado em livros, artigos, pesquisas e depoimentos, tanto de teóricos da comunicação quanto de profissionais da área. O trabalho considera que o jornalismo investigativo cumpre o importante papel de prover a sociedade de relevantes informações de interesse público. Decorre desse entendimento a justificativa para a realização desta pesquisa.

2 Antecedentes do Telejornalismo Investigativo

A imprensa chegou ao Brasil em 1808, junto com a corte portuguesa. Mais de um século se passou desde as primeiras práticas de jornalismo investigativo e o tema nunca foi tão atual. “O jornalismo é o primeiro rascunho da história; em contraste, o jornalismo investigativo é o primeiro rascunho da legislação (BURGH, 2008, p. 3).

As primeiras técnicas do jornalismo investigativo vêm de William Thomas Stead, britânico, que ficou conhecido como ‘o pai do jornalismo investigativo’. Ele começou a sua

carreira na década de 1870, em Londres, como colaborador do jornal diário Liberal Northern Eco, em Darlington, passando posteriormente a editor da Pall Mall Gazette.

Em 1953, na Inglaterra, a BBC criou o programa ‘Panorama’ que pode ser considerado como um dos primeiros programas de jornalismo investigativo. Nos Estados Unidos, no ano de 1958, surgiu na rede CBS o programa “60 minutes”. Nele, o repórter era o investigador e condutor da matéria.

De acordo com Sequeira (2005), a década de 1970 trouxe à tona um dos marcos do jornalismo investigativo contemporâneo, o lendário ‘Caso Watergate’. O jornal estadunidense The Washington Post, em 18 de junho de 1972, iniciou a publicação de uma série de reportagens que levaria à renúncia o então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon.

Ao mesmo tempo que chegava um novo veículo de comunicação ao Brasil, a televisão, na década de 1950 surgia um novo tipo de jornalismo, o telejornalismo. As emissoras perceberam que as matérias para divulgação em TV demandavam um tempo maior de produção que as dos veículos, até então, tradicionais (rádio e jornal impresso). Uma nova figura ganha destaque e surge, o produtor, para dar suporte ao repórter.

Balbé (2010) expõe que, na década de 1960, o Brasil estava sob Ditadura Militar e a censura vigiava todos os veículos de comunicação. Sequeira (apud Kneipp, 2008, p. 4) aponta que “o jornalismo investigativo no Brasil só pode ser identificado a partir de 1975, quando o país entra no processo de abertura política”. O término do militarismo no Brasil, junto ao processo de reabertura política, possibilitou o retorno da imprensa ao desempenho do seu papel de origem, o de livre promotor de informação para a sociedade.

No Brasil, um dos marcos mais expressivos foi uma série investigativa feita por Ricardo Kotscho. Em 1976, seguindo o exemplo de uma matéria publicada pelo jornal americano The New York Times, Kotscho fez uma reportagem sobre como viviam os funcionários do alto escalão, os ‘superfuncionários’. “A reportagem rendeu uma série sobre as mordomias que foi apenas uma espécie de aperitivo do banquete de denúncias de corrupção que seria servido ao País, a medida que, sem censura prévia, a imprensa ia retomando suas funções” (KOTSCO, 2004, p. 55).

O telejornalismo investigativo cresceu de forma intensa na década de 1990. Fortes (2005, p. 8) declara que “o ápice da atividade investigativa do jornalismo brasileiro se deu durante o governo do presidente Fernando Collor de Mello (1990-92)”.

3 Televisão: o maior veículo de comunicação de massa

Após o surgimento da prensa feita por Gutenberg no século XV, foi somente no século XVIII, com a Revolução Industrial, na Inglaterra, que o jornal se consolidou como meio de comunicação de massa. Os avanços tecnológicos que surgiram fizeram com que na década de 1960 a televisão se tornasse o maior veículo de comunicação de massa.

Santos (2003, p. 51), aponta que “é imprescindível lembrar que o conteúdo veiculado pela tevê reflete a sociedade em que ela está inserida e seu momento histórico”. Enzebsberger (1978, apud Santos, 2003) aponta que os meios de comunicação de massa, principalmente os meios eletrônicos (rádio e tevê), possuem um potencial ‘emancipado’. Segundo o autor eles são capazes de agir na consciência da massa, levando-a a participar, ou a se manifestar, de forma ativa no processo produtivo da construção social e na socialização. Conforme cita Enzebsberger (1978, apud Santos, 2003, p.106), “as sociedades industrializadas dependem do livre intercâmbio de informações. Por esse motivo, até mesmo informações que podem ameaçar o sistema encontram espaço para serem veiculadas”.

No Espírito Santo, segundo o IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), no portal Datasus, a população estimada, para 2015, é de 3.929.911 habitantes. Só na Região Metropolitana da Grande Vitória¹, estão concentrados 48,6% da população capixaba, um total de 1.910.101 pessoas.

Apesar do advento da internet, a principal fonte de informação da população continua sendo a televisão. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE PNAD, 2013) apontou que cerca de 97% dos lares brasileiros tinham aparelhos televisores enquanto menos da metade da população, no mesmo período, tinha acesso à internet em casa. Esta diferença de percentuais de acesso à informação por meio da TV e da internet demonstra a importância que

¹ A Região Metropolitana da Grande Vitória é formada pelos municípios de Vitória, Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana e Vila Velha.

a televisão continua tendo para os brasileiros. Em alguns casos, rádio e televisão são os únicos meios de comunicação que as comunidades carentes têm acesso.

4 Jornalismo investigativo: o promotor de informação para a sociedade

O jornalismo investigativo é conhecido por ser a área causadora do maior número de polêmicas devido à linha tênue que há entre a ética, o dever de informar e o sensacionalismo. Ele busca trazer à tona o que muitos não querem que apareça e, talvez por isso, seja o ramo de construção de reportagem mais complexo e, provavelmente, também o mais fascinante da profissão.

Lopes e Proença (2003, apud Corteze, 2010, p. 662) definem jornalismo investigativo como a “busca da verdade oculta em profundidade”. Expõem também que a essência do jornalismo é pautada na investigação, e compreende o ato de analisar conteúdos em suas mais diversas formas e apresentá-los de maneira clara à sociedade.

Para Burgh (2008, p. 19), “em seu sentido mais amplo, o jornalismo investigativo questiona a base ortodoxa, desafiando a narrativa da realidade que o poder desejaria que aceitássemos”. Quesada (apud Keneipp, 2008) expõe que o jornalismo investigativo não se limita apenas ao factual, mas cumpre o papel de informar detalhando os acontecimentos que possam prejudicar a sociedade, cumprindo assim seu papel social, em busca da 'verdade jornalística'. Ettema e Glaser (apud Corteze, 2010, p. 663) concluem: "fornece à comunidade a oportunidade para afirmar ou negar, corrigir ou ignorar uma importante ocorrência na sociedade".

Hunter e Hanson (2013, p. 8) concordam com Quesada (2008) e enfatizam que o jornalismo investigativo "envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento". Corteze (2010, p. 663) declara que "o jornalismo investigativo é uma das mais importantes contribuições prestadas pela imprensa à democracia [...] por promover informações aos cidadãos".

5 Telejornalismo capixaba: o caso das emissoras no Espírito Santo

No Brasil, o jornalismo investigativo em televisão se desenvolveu com maior desenvoltura no eixo Rio-São Paulo, onde estão localizados os maiores grupos de comunicação das últimas décadas. Nesta região estão 56% dos jornalistas que trabalham no Brasil, segundo a pesquisa “Quem é o jornalista brasileiro?”, realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), divulgada em 2013. No país, aproximadamente 21% dos jornalistas trabalham com o meio televisão. No Espírito Santo estão 2% do total de dos jornalistas profissionais brasileiros segundo a pesquisa de 2013.

Foram analisadas, no presente artigo, as emissoras espírito-santenses: TV Capixaba (Band), TV Gazeta (Globo), Record News (Record News), Rede TV (Rede TV), TV Tribuna (SBT) e TV Vitória (Record), que representam as seis principais emissoras do estado sem envolvimento direto com os governos Estadual e Federal.

Segundo Carvalho (1999, p. 20), “a televisão só passou a ser uma forma difundida de lazer no estado quando foi instalado em Vitória, no final da década de 60, um sistema repetidor da TV Globo do Rio de Janeiro”. Mais de dez anos depois da primeira transmissão da TV brasileira ser realizada chegava a vez do Espírito Santo dar início ao sinal de televisão em terras capixabas. A primeira emissora de televisão que operou no Espírito Santo foi a TV Vitória, criada em 1961 por João Calmon, até então diretor-geral dos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

A TV chegou ao Espírito Santo custeada pela iniciativa privada, a partir da venda de ações para empresários em busca de ascensão política e prestígio, aspirantes a serem os proprietários da primeira emissora que se instalaria em solo capixaba, a TV Vitória. [...] Mesmo com a falta de televisores para o público, devido ao alto preço dos aparelhos, e as precariedades na transmissão do sinal e dos equipamentos técnicos, a TV Vitória iniciou sua caminhada investindo na programação local, basicamente na base do imprevisto (MARTINUZZO, 2008, p. 49-50).

Em 1984, Calmon adquiriu as ações dos outros dez acionistas da emissora e a vendeu para o Grupo Buaiz. “Na época a programação da TV Vitória tinha a chancela de José Bonifácio Sobrinho (Boni), que era o Diretor de Criação da TV Tupi e hoje é um dos diretores da Rede Globo” (CARVALHO, 1999, p. 23). “A maior dificuldade que o Grupo Buaiz encontrou assim que assumiu a emissora foi encontrar talentos no estado para trabalhar na TV.

A estrutura tecnológica da empresa era boa, mas faltava pessoal qualificado” (MACHADO 1999, apud CARVALHO, 1999, p. 24).

Com forme Martinuzzo (2008), com a crise do Grupo Diário e Emissoras Associados, do qual a TV Vitória fazia parte, a emissora passou a retransmitir a TVS, do Sistema Brasileiro de Televisão, atual SBT. Em seguida, foi retransmissora da extinta TV Manchete, quando assumiu uma programação mais regional.

A afiliada da TV Globo no Espírito Santo, TV Gazeta, iniciou seu processo de distribuição de imagens em 11 setembro de 1976. No início, a emissora contava com dois jornais locais, sendo que ambos duravam apenas oito minutos.

No Espírito Santo, o sinal da emissora carioca chegava de forma improvisada, por meio da TV Clube Intermunicipal, em uma antena instalada no Morro do Moreno. Em pouco tempo, a programação da emissora carioca conquistou as mentes e os corações dos capixabas e virou sucesso de audiência. E foi nesse contexto que a família Lindenberg trouxe, de forma legal, via concessão, a TV Globo para o Espírito Santo, com a criação da TV Gazeta (MARTINUZZO, 2008, p. 51).

Nesse período, a TV Gazeta tinha o perfil voltado para a cobertura das atualidades no Espírito Santo e matérias com temas voltados à defesa do consumidor. A parte de acompanhamento de assuntos de editorias como economia e política era limitado.

Segundo Chequer (1999, apud Carvalho, 1999, p. 27), as principais dificuldades enfrentadas naquela época eram a falta de mão de obra especializada para atuar na área tecnológica da emissora, correspondendo ao estilo da Rede Globo, e o alto custo dos investimentos que, segundo Carvalho (1999), impedia a criação de novos programas. Somente em 1975 o primeiro Curso de Comunicação Social no estado foi estabelecido, conduzido pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Foi o primeiro curso de comunicação implantado no Estado capixaba, um dos últimos da Federação a ofertar uma graduação dessa natureza. [...] considerando-se a questão legal, o delay capixaba é de 32 anos, inserindo-se na lógica de vários atrasamentos que marca a história espírito-santense (MARTINUZZO, 2015, p. 14).

Este fato fez com que a TV Gazeta trouxesse profissionais já experientes de outros estados e até mesmo da TV Globo. A emissora inicialmente produzia dois programas: um ao meio-dia, futuro “ES-TV – Primeira Edição”, e um à noite, futuro “ES-TV – Segunda Edição”. Segundo Martinuzzo (2008), os programas tinham a duração de três minutos.

Em abril de 1985, iniciou suas operações a afiliada da TVS, atual SBT, TV Tribuna. Junto com o início das transmissões da emissora entrou no ar o Telejornal Tribuna Notícias,

que ainda se mantém presente na programação. Como o perfil do programa tinha como objetivo falar sobre temas voltados à economia, cultura e polícia, ele deixava de lado assuntos relacionados à política, por entender que não traria audiência para a emissora.

Segundo Carvalho (1999), em 1985 a TV Capixaba, atualmente afiliada da Rede Bandeirantes (Band), iniciou a sua operação no estado. Nos primeiros anos a TV Capixaba se voltou para a retransmissão de programas da rede nacional. Somente em 1991 ela começou a produzir programas regionais. A emissora buscou fazer uma programação jornalística voltada para a informação, descartando o sensacionalismo e a espetacularização da notícia.

A Rede TV ES é a única das emissoras analisadas neste trabalho que não tem sua sede em Vitória, capital do Estado. Localizada em Vila Velha, começou a transmitir seu sinal em 2005. O programa de maior relevância da emissora, “Chumbo Grosso”, foi um telejornal policial apresentado pelo jornalista Ricardo Borges. Transmitido ao meio dia, o programa ocupava o quarto lugar em audiência. A emissora define sua programação como voltada para o público das classes A e B (REDE TV, 2015).

A mais recente emissora a se instalar no Espírito Santo é a Record News, em 2013, por meio da Rede Sim de Comunicação que estreava seu sinal. A emissora é original do município de Cachoeiro de Itapemirim, interior do Estado, mas tem seus estúdios principais em Vitória. A Record News produz exclusivamente material jornalismo e se caracteriza por ser o primeiro canal de notícias aberto e gratuito da televisão brasileira.

6 Perfil das Emissoras Capixabas

A pequena produção de material de jornalismo investigativo para telejornais se concentra em apenas duas das seis emissoras analisadas, TV Gazeta e TV Vitória, afiliadas das Redes Globo e Record respectivamente. Dos 23 programas jornalísticos ou informativos, que poderiam produzir e veicular material investigativo, atualmente produzidos no Espírito Santo, 13 são feitos por essas duas emissoras.

Buscando identificar a prática do jornalismo investigativo, foram ouvidos repórteres, pauteiros e chefes de reportagem que atuam em emissoras de televisão sediadas na Região Metropolitana da Grande Vitória. As informações obtidas sinalizam que o jornalismo

investigativo é efetivamente praticado em apenas três das seis emissoras: Record News, TV Gazeta e TV Vitória.

Este trabalho aborda, a seguir, esta prática, admitindo a hipótese de que essas três emissoras praticam, de fato, o jornalismo investigativo, sendo esta a razão pela qual a apuração de dados foi feita em entrevistas com profissionais das suas equipes de telejornalismo. Os entrevistados foram:

a) Jadna Duque, atualmente é chefe de reportagem na Record News ES, passou pela TV Mirante, afiliada da Rede Globo em São Luiz no Maranhão, e foi chefe de pauta da TV Gazeta, onde trabalhou por doze anos.

b) André Falcão, da TV Gazeta, que trabalhou na Rádio Espírito Santo como produtor, Rádio CBN, jornal A Tribuna, Folha Vitória, TV Vitória e, há quase quatro anos, atua como repórter da TV Gazeta.

c) Alex Cavalcante, da TV Vitória, que trabalhou no Gazeta Online, foi repórter de Rede da TV Tribuna e, em 2007, chegou à TV Vitória onde foi apresentador antes de dirigir o Núcleo de Investigações e Projetos Especiais. Em março de 2015, o núcleo foi extinto e Alex passou a atuar no programa “Espírito Santo no Ar” como editor chefe.

7 Processos de Produção: a Construção da Reportagem

O primeiro passo para a construção da reportagem se dá na elaboração da pauta. O jornalista, no dia a dia, trabalha com pautas factuais, geralmente, com apuração que não demanda longo período de pesquisa. Enquanto isso, o repórter investigativo precisa estar mais atento, do que um repórter do cotidiano, a todos os detalhes da reportagem que está produzindo, o que é mais complexo em decorrência da grande quantidade de dados apurados, exigindo que a averiguação feita pelo repórter ainda seja mais cuidadosa na fase de construção da reportagem.

As matérias investigativas não se resumem a casos de denúncias políticas, como ensina Aguiar (2006, p. 74): “não fica, porém, restrita aos temas políticos, estando presente em todas as editorias: seu foco é apurar e divulgar informações sobre desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade”.

Segundo Burgh (2008), o jornalista investigativo seleciona suas informações e prioridades de formas distintas. Ao analisar os fatos oferecidos por diferentes fontes, os jornalistas aplicam a eles conceitos de noticiabilidade, em que hierarquizam as informações. “O jornalista faz uma seleção dessas informações a partir de seus próprios critérios de valor. [...] Em geral, a reportagem parte de uma falha do sistema” (BURGH, 2008, p. 16-17).

Falcão (2015) explica que o comodismo do repórter se torna uma arma contra ele mesmo na elaboração e construção da matéria.

Hoje, o jornalista está muito acomodado, o repórter de televisão em especial. Primeiro, porque ganha mal pela importância do seu trabalho. Para ele é simples chegar na redação e pegar uma pauta de campanha de dengue, apurar, escrever e entregar a notícia e ver que o salário vai ser o mesmo no final do mês. Falta incentivo para você produzir uma reportagem especial e investigativa (FALCÃO, 2015).

Cavalcante (2015) aponta como uma das principais dificuldades enfrentadas pelo jornalista investigativo no Espírito Santo o fato de o estado ter pequenas dimensões territoriais, o que leva as relações interpessoais a serem muito próximas umas das outras:

No jornalismo investigativo é fato que você vai, o tempo todo, desagradar alguém. Aliás, a obrigação do jornalismo é desagradar, principalmente, o governo. A pior parte disso é o excesso de relações, a malha de relacionamentos dos que estão no poder, tanto dos políticos como da população (CAVALCANTE, 2015).

Para manter a informação restrita, inclusive entre as fontes confiáveis e integrantes da equipe de reportagem, até o momento de levar o produto final ao ar é necessária uma equipe de confiança para que o repórter tenha êxito no seu trabalho.

Você não faz jornalismo investigativo sem envolvimento das pessoas. Se o motorista não tiver também espírito de investigar, chegar com discrição para seguir as pistas, a coisa desanda. Com o cinegrafista é a mesma coisa. Acaba todo mundo sendo jornalista também, todo mundo entra no espírito da investigação (CAVALCANTE, 2015).

A TV Vitória foi a única emissora capixaba a ter um núcleo de investigação jornalística (2012-2015), com uma equipe formada por um produtor e um repórter fixos, um cinegrafista escolhido pelo repórter, um auxiliar de produção e um ou dois editores, variando entre cinco e seis as pessoas envolvidas na produção da reportagem.

Já para Falcão (2015), quando uma equipe é designada para realizar uma reportagem investigativa na TV Gazeta, ela é bem reduzida, sendo formada por um cinegrafista, um repórter, o chefe de reportagem e, em alguns casos, um produtor.

Devido à estrutura enxuta da emissora, segundo Duque (2015), a “Record News tem uma equipe de produção fixa, mas os repórteres também fazem a apuração de casos que eles gostam de cobrir. O critério de seleção dos profissionais para reportagens investigativas é sigiloso”. Duque (2015) declara que “a emissora optou por ter especialistas em determinadas áreas. Um policial aposentado nos ajuda com investigações e acompanhamento de casos”.

Para Corteze (2010, p. 668), reportagens com esse teor podem ser perigosas para o jornalista, colocando em risco a sua segurança, mas “o jornalismo investigativo se tornou fundamental para que diversas situações de risco viessem à tona”. Fortes (2005, apud Burgh, 2008) aponta que a premissa básica da apuração é que toda investigação jornalística tem que ser ética.

Jornalistas investigativos costumam apelar para os padrões morais existentes que eles sabem que as pessoas reconhecem como valores cuja transgressão é chocante. [...] O fato de o jornalismo investigativo acabar contribuindo para promessas e esboços de mudanças na legislação não é acidental (BURGH, 2008, p. 18).

Na Record News, de acordo com Duque (2015), no início da tarde os editores realizam uma reunião juntamente com a equipe da pauta, para definir os temas. “Um profissional fica com a apuração de notas e outro marca as pautas a serem apuradas no dia seguinte. Estamos sempre com um olho no hoje e outro no amanhã”, enfatiza.

No jornalismo investigativo, a informação ganha noticiabilidade pelo seu impacto e relevância. “Eu sempre me pergunto: qual é o interesse disso e o que essa notícia vai mudar na vida das pessoas? Todo repórter sempre está atrás de uma boa história. Se interessar a muitas pessoas, o assunto me agrada e vale a pena eu correr atrás”, esclarece Falcão (2015).

Eu tento ser simples, direto e não ofensivo. Por mais que as pessoas, às vezes, possam estar erradas, eu não condeno, eu pergunto. O papel do jornalista não é fazer juízo de valor, é perguntar. Se é certo ou errado, cabe ao telespectador decidir, já que é parte do próprio princípio de informação, pois informar é promover uma ação. Você não pode dar sua opinião na reportagem, de modo a que o telespectador seja conduzido pela sua visão. Você vai dar todas as versões. Por isso, é importante ouvir todos os lados para que o telespectador tenha esse discernimento (FALCÃO, 2015).

A construção da reportagem na TV Gazeta se dá primeiro através da escolha do tema, depois é definida a abordagem. Segundo Duque (2015), “a elaboração da pauta começa com a definição da retransmissão”. Cavalcante (2015) afirma que “o jornalismo investigativo é a essência da profissão jornalística. Ele parte do interesse público. É para isso que a gente existe. Seria ótimo se o jornalismo investigativo pudesse ocupar mais espaço nos veículos”.

Segundo Cavalcante (2015), fazer jornalismo investigativo não significa só fazer grandes reportagens e investigações: “Quando o repórter gasta algumas horas para olhar o site da transparência e vê que um servidor comprou flores com cartão de crédito corporativo, apurar isto é um tipo de jornalismo investigativo”. Para ele, tudo que demanda o olhar e o interesse de jogar luz sobre o que está escondido – e que não é o factual –, pode ser considerado um tipo de investigação.

Jornalismo investigativo distingue-se por divulgar informações sobre más condutas que afetam o interesse público, reconstruir acontecimentos importantes, expor injustiças, desmascarar fraudes, divulgar o que os poderes públicos querem ocultar e mostrar como funcionam esses órgãos públicos. [...] As denúncias resultam do trabalho dos repórteres, e não de informações vazadas para as redações (DUQUE, 2015).

Segundo Falcão (2015, apud Burgh, 2008), principalmente na reportagem investigativa é preciso cercar todos os lados e ouvir aqueles que têm a contribuir sobre o fato e também checar todas as fontes, para não ter nenhuma dúvida sobre a informação central e não gerar dúvidas na cabeça do telespectador.

O uso de equipamentos diferenciados das matérias tradicionais é uma das marcas do telejornalismo investigativo. Fortes (2005, p. 7) aponta que “a tentação de se descobrir a verdade, ou dela se apropriar como trunfo, pode levar as redações a optarem por todo tipo de meio investigativo, legal ou não, graças à velha máxima de que os fins justificam os meios”.

Sequeira (2005, apud Kneipp, 2008, p. 6) considera que, mesmo que o Código de Ética dos Jornalistas não seja contra o uso das infiltrações pelo jornalista investigativo, o importante é “que o material coletado durante a infiltração não seja o ponto final da reportagem. Antes da publicação, os dados devem ser corroborados com outras fontes e por outros meios”. A reportagem investigativa requer métodos de apuração diferentes de uma reportagem do dia a dia. Segundo Falcão (2015), em alguns casos, todo o trabalho pode ser perdido por causa do equipamento.

Hoje, existe uma quantidade enorme de microcâmeras (chaveiros, botões, canetas, etc.) para serem usados, tudo depende da situação. Quando eu não tenho como captar uma imagem de forma alguma eu uso o equipamento. Mas você não tem como saber o que está sendo filmando com ela (FALCÃO, 2015).

Duque (2015) expõe que, no dia a dia, na Record News é o próprio cinegrafista que faz a seleção do equipamento que será usado, mas observa: “Quando a produção pensa uma pauta

mais elaborada, por exemplo, o uso de GoPro, é previsto com antecedência para que possa ser feito o pedido do equipamento”.

Cavalcante (2015) afirma que as microcâmeras devem ser utilizadas como último recurso, mas que, dependendo da situação, elas são essenciais para a construção da matéria. Cavalcante (2015), Duque (2015) e Falcão (2015) concordam com a necessidade do uso desses equipamentos, mas lembram da importância dos jornalistas se questionarem sobre o papel atribuído à reportagem.

8 A necessidade de se investigar no Espírito Santo: o Jornalismo Investigativo no Estado está em crise?

O jornalismo investigativo é um trunfo na mão da imprensa. Ele é a vertente jornalística que demanda o maior trabalho durante todo o processo de construção da reportagem. No Espírito Santo, a produção, além de se mostrar pequena, também é pouco valorizada.

Cavalcante (2015) aponta que a falta de recursos é o principal motivo da decadência do jornalismo investigativo capixaba: “O jornalismo é caro, e o jornalismo investigativo é mais caro ainda”.

Na TV Gazeta, a grande preocupação é o conteúdo editorial: “Somos muito cobrados para não ter dúvidas quanto ao produto que vai ao ar. Às vezes o entrevistado falou uma coisa com você que ele não gravou, e é uma informação essencial para a matéria. Então, volto lá e gravo” (FALCÃO, 2015).

A TV Vitória preza pelo direito do telespectador saber a verdade sobre o fato. “Todo dia surge um escândalo novo em algum lugar. Aqui no Brasil é um atrás do outro. Em alguns lugares o jornalismo investigativo é satisfatório, mas aqui no estado ele é insatisfatório” (CAVALCANTE, 2015).

Segundo Duque (2015), na Record News, mesmo sem existir um núcleo específico, o jornalismo da emissora não divulga fatos sem investigá-los. “As notícias precisam ser checadas, fontes precisam ser ouvidas, o outro lado tem que ter espaço”. Para a jornalista, a emissora “trabalha com o conceito de mostrar o melhor do Espírito Santo. Entramos todos os dias em rede nacional com 12 minutos de produção local. No entanto, não podemos fugir de assuntos relevantes do cotidiano”.

Além do reduzido tempo que as emissoras têm para transmitir a programação local, outro fator que contribui para a decadência dos programas é o horário destinado à transmissão da grade local. Para Carvalho (1999, p. 28), “a imposição da rede nas janelas a serem preenchidas e a limitação de horários optativos disponíveis para as afiliadas, fazem com que bons programas não tenham boa audiência por causa do horário em que são exibidos”.

O jornalismo investigativo está muito preso às cabeças de rede. Ele é muito praticado em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e até em Porto Alegre. Comparando a produção do Espírito Santo com a nacional, a nossa é muito pequena. A Rede Globo, se tiver alguém de confiança na afiliada, não precisa enviar um repórter para fazer a matéria; ela aciona o repórter investigativo local. No estado não temos isso. Eles nos mandam um repórter, até porque, se não tem muita prática, o repórter não tem visibilidade (FALCÃO, 2015).

A produção de material, o poder econômico do estado em que é realizado e a pressão política sofrida pelos veículos de comunicação estão diretamente interligados. É comum ver os telejornais de alcance nacional trazer em suas matérias casos ocorridos no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Enquanto isso, o material dos demais estados tem visibilidade quase mínima.

As relações de poder truncadas, que se repetem em todo Brasil são extremamente prejudiciais ao jornalismo investigativo. Segundo Cavalcante (2015), “em Minas as relações truncadas são um pouco menos piores pelo fato dele ser um estado grande, com maior poder econômico e as empresas de comunicação terem mais financiamentos”.

Remédio para má imprensa é mais imprensa, é liberdade econômica, onde os veículos passam a ter as linhas editoriais mais diversas. Acho muito ruim essa dependência que a imprensa brasileira tem do Governo Federal que é o grande anunciante. Em um ambiente econômico onde cada um se financia sem depender de governo, a liberdade de imprensa é favorecida. Quando ninguém mais puder anunciar só vai sobrar o Governo. Quando só o Governo puder anunciar acaba a liberdade de imprensa, só vai sobreviver quem falar bem do Governo. Essa é a minha preocupação (CAVALCANTE, 2015).

Para Duque (2015), não é possível comparar o jornalismo do Espírito Santo com o de outros estados devido a fatores internos às redações.

O jornalismo investigativo no Espírito Santo ainda é muito fraco. Faltam profissionais, as redações são muito enxutas. Deixar uma pessoa por meses investigando um caso é para as grandes redes, e alguns programas, como, por exemplo, o Fantástico e o Profissão Repórter. O SBT também tem, e a Record, tem o Domingo Espetacular. No dia a dia, nos contentamos com o furos de reportagem, sair na frente com alguns assuntos e ter com exclusividade algumas fontes (DUQUE, 2015).

Com esta análise, é possível compreender que alguns fatores influenciam a produção de material investigativo nos telejornais do Espírito Santo. Sendo de origem interna, como a

estrutura e os recursos disponíveis, ou de origem externa, como a instabilidade política e econômica do país. A TV Vitória enfrenta dificuldades com as relações de quem está no poder com os demais agentes sociais do estado; a Record News se queixa da falta de profissionais e das redações reduzidas e a TV Gazeta lamenta que a alimentação dos telejornais impossibilita a dedicação exclusiva de uma equipe de reportagem à atividade investigativa.

9 Considerações finais

O jornalismo investigativo fascina os profissionais que atuam na área. No Espírito Santo, o jornalismo, de uma maneira geral, enfrenta problemas. Com base na pesquisa realizada foi possível concluir que alguns fatores fizeram e fazem com que a prática do jornalismo investigativo no Espírito Santo sejam pouco explorada como, por exemplo, as relações interpessoais muito próximas, próprias de cidades de pequenas dimensões, onde todos se conhecerem. Essas relações, pela proximidade, são uma barreira a mais a prejudicar a pesquisa do repórter.

Outros fatores que contribuem para a pequena produção de jornalismo investigativo no Estado são o desinteresse das emissoras, a crise econômica enfrentada pelo país, as redações reduzidas e o alto custo de produção. Apesar disso, é possível constatar que o jornalismo investigativo não tem diminuído no estado, mas se mantém estagnado.

Quanto aos processos de apuração utilizados pelas emissoras, os únicos pontos que distingue uma reportagem investigativa de uma do dia-a-dia são o tempo de produção do conteúdo e a utilização de equipamentos especiais, como microcâmeras. O uso de técnicas do jornalismo e dados e do RAC não foram citadas pelos entrevistados.

Nas emissoras que praticam o jornalismo investigativo ele continua existindo porém de uma maneira diferente: a prática investigativa migrou seus mecanismos de produção para a cobertura diária sem deixar de aproveitar as oportunidades que surgem. Essa migração é decorrente das redações reduzidas, dos poucos profissionais especializados na área e dos custos que o jornalismo investigativo gera para as emissoras.

Praticar jornalismo investigativo, em tempos de crise, como os atuais, é ainda mais difícil. As emissoras fazem cortes de despesas, obrigadas pelas circunstâncias, mas o desejo de



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

III Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo
Universidade Anhembi-Morumbi, 23 a 25 de junho de 2016

alguns profissionais de continuar a investigar e levar informações de interesse público à sociedade não deixa o jornalismo investigativo acabar.

Mesmo com poucos estímulos e ganhos, os profissionais continuam a se dedicar à missão de “expor ao público aquilo que está oculto”, como ensinam Hunter e Hanson (2013, p. 8). O presente trabalho espera contribuir para incentivar o aparecimento outros estudos que possam aprofundar o exame e a análise da prática do jornalismo investigativo no Espírito Santo, essa atividade tão necessária ao aprimoramento da sociedade capixaba.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade**: notas introdutórias. Rio de Janeiro: PUC. 2006.

BALBÉ, Alice Dutra. **Jornalismo investigativo na televisão**. Uma análise dos programas Conexão Repórter e Repórter Record. Santa Maria, RS, 2010. Disponível em: <https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/alice-dutra-balbc3a9.pdf> Acesso: 12 abr. 2015.

BURGH, Hugo de. **Jornalismo investigativo - contexto e prática**. São Paulo, Editora Roca, 2008.

CARVALHO, Marcelle de Almeida. A Evolução do telejornalismo no Espírito Santo – a busca por uma identidade regional. Vitória: FAESA, 1999. Disponível em: <http://migre.me/qg9eT>. Acesso: 10 mai. 2015.

CAVALCANTE, Alex. Entrevista concedida em 31 mar. 2015.

CORTEZE, Priscila de Abreu e SANTOS, Marielle Sandolovski. **O Jornalismo investigativo e “o trabalho dos cortadores de cana”** – Profissão Repórter. Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, 2010. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO%20INVESTIGATIVO.pdf>. Acesso: 12 abr. 2015.

Datusus. **População estimada por Ano segundo Município**. 2010. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/poptes.def> Acesso: 10 jun. 2015

DUQUE, Jadna. Entrevista concedida em 15 jun. 2015.

FALCÃO, André. Entrevista concedida em 26 mai. 2015.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. Coleção comunicação. São Paulo, Contexto, 2005.

HUNTER, Mark Lee e HANSON, Nils. **A investigação a partir de histórias - um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo, Uruguai, UNESCO, 2013.

KNEIPP, Valquíria Passos. **A identificação do jornalismo investigativo na televisão brasileira**. Intercom. Natal, Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0865-1.pdf>. Acesso: 8 abr. 2015.

KOTSHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 4 ed., 2004.

MARTINUZZO, José Antônio e MANTOVANELI, Wagner Piassaroli. **Balzaquiano + 10: 40 anos de curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (1975-2015)**. Vitória. Centro de Artes, Departamento de Comunicação Social, 2015.

MARTINUZZO, José Antônio. **Espírito Santo – Trajetória histórica e conexões socioeconômicas e políticas do modelo**. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), 2008. Disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed02/dossie/02.pdf>. Acesso em: 10 Mai 2015.

MARTINUZZO, José Antônio. **Roda VT! A televisão capixaba em panorâmica**. Vitória: Editora DIO, 2006.

Pesquisa Quem é o Jornalista Brasileiro. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013. Disponível em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso: 18 de mai. de 2015.

REDE TV ES. **Apresentação**. 2015. Disponível em: http://www.redetves.com.br/site/wp-content/uploads/2013/12/apresentacao_redetv.pdf. Acesso: 5 mai. 2015

SANTOS, Roberto Elísio. **As Teorias da comunicação: da fala à internet**. São Paulo, Paulinas. 2003.